

O QUARTO NA TERRA

AMONGHERA

OBRAS DE JOHN AJVIDE LINDQVIST

Deixa ela entrar
Estou atrás de você

Gentileza
Realidade

Escrito na água: Tempestade de Sangue 1
O verão de 1985

JOHN AJVIDE
LINDQVIST

Autor de *Gentileza e Realidade*

O QUARTO
NA TERRA

TEMPESTADE DE SANGUE 2

Tradução de **Helena Hilden**

TORÐSILHAS

O quarto na terra

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da editora Alaúde Editora Ltda., do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 JOHN AJVIDE LINDQVIST

ISBN: 978-65-5568-298-4

Translated from original Rummet I Jorden. Copyright © 2024 by John Ajvide Lindqvist. ISBN 978-91-7775-350-6. First published by Ordfront förlag, Sweden. Published by arrangement with Nordin Agency AB, Sweden, the owner of all rights to publish and sell the same. Portuguese language edition published by Alaúde, Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L723q

1.ed. Lindqvist, John Ajvide

O quarto na terra. John Ajvide Lindqvist ;
tradução Helena Hilden. – 1. ed. – Rio de Janeiro :
Tordesilhas, 2025.

400 p. ; 15,7 x 23,0 cm.

Título original: Rummet I Jorden
ISBN 978-65-5568-298-4

1. Romance sueco. I. Hilden, Helena. II. Título.

CDD 839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839.73

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: Helena Hilden

Copidesque: Evelyn Diniz

Revisão: Rafael Souza

Diagramação: Rita Motta


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:
 **alabr**
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES DE LIVROS

ASSOCIADO
 **CBL**
Conselho
Brasileiro
de Livros

AMOSTRA

*Para Aaron e Ylva
Pelas brincadeiras, filmes, almoços
criativos e conversas variadas*

AMOSTRA

PARTE I

2-9 DE JULHO





PRÓLOGO, 2 DE JULHO

Na primeira manhã quando Kim Ribbing pisou na escada de sua casa recém adquirida, avistou um cervo. Estava parado na sombra da mata atrás da cerca que rodeava o terreno, olhando para Kim com a cabeça levantada. O cervo não se moveu enquanto Ribbing descia a escada lentamente e continuava pelo gramado até colocar as mãos nas ripas da cerca.

Ficaram parados cinco metros um do outro, o homem e o animal. Como hipnotizados em conjunto, olharam para os olhos um do outro. Kim nunca tivera um amor especial pelos animais, mas agora havia um *contato* que o fascinava discretamente. Era como se ele e o cervo estivessem parados em silêncio compartilhando informações sobre a vida. Em um confuso momento, Kim esqueceu a própria identidade e se viu de fora, através dos olhos do cervo.

Depois, foi como descer uma barreira. O contato se quebrou e era somente Kim Ribbing parado em seu jardim olhando para um cervo notavelmente inocente. E como se o cervo percebesse a mudança, grunhiu e se afastou cautelosamente com a cauda branca balançando.

O encontro aconteceu também na manhã seguinte, e na manhã depois disso. Quando Kim ia para a escada com seu café da manhã, o cervo estava parado esperando. Ribbing colocava de lado sua caneca de café e ia até a cerca. Durante um minuto o cervo e ele mantinham um relacionamento; e durante esse minuto Kim ficava totalmente presente e podia ouvir o pulso secreto do mundo. Depois o contato se rompia e o mundo era apenas o mundo.

Na quarta manhã, Kim acordou com um estrondo preocupante. Julia Malmros passara a noite com ele e ainda dormia quando Ribbing se

levantou e ligou a cafeteira com a preocupação no peito. Quando o café ficou pronto, pegou sua caneca e foi para escada.

Foi como temia. O cervo estava no seu lugar habitual, mas deitado. Quando Kim chegou à cerca, viu que o pescoço do cervo fora atingido por uma bala. Os olhos negros mortos fitavam o céu.

Ribbing olhou ao redor. Não viu nenhum caçador. Alguém atirou em um cervo por diversão, ou com raiva porque ele mordiscou a moita de morangos errada. Kim apertou as ripas da cerca com mais força e sentiu os olhos ardendo.

Apesar de tudo, existiam coisas belas e inocentes no mundo, com as quais era possível manter um relacionamento sem precisar ter medo de ser ferido. Mas também havia pessoas que feriam e matavam somente porque podiam e tinham vontade. Porque seu coração mandava.

Foi quando Kim ficou parado olhando para os olhos vazios e mortos do cervo que finalmente decidiu sequestrar o doutor Martin Rudbeck.



8 DE JULHO, MANHÃ

Kim Ribbing fechou a pesada porta de metal do porão atrás de si, fazendo um estrondo abafado pelas paredes de cimento com isolamento acústico. Inclinou-se sobre Martin Rudbeck, que se encontrava deitado e amarrado em uma cama vestindo apenas sua cueca e disse:

— Eu quero *entender*.

Quando o doutor abriu a boca para dizer alguma coisa, Kim levantou o dedo indicador alertando.

— Pera aí. Vou reformular. Sim, quero entender. Mas acima de tudo, quero que *você* entenda.

— O que devo entender?

A voz de Martin estava fina e áspera depois de um dia inteiro sem comida ou água. Muitas vezes durante sua adolescência, Rudbeck prendera Ribbing do mesmo jeito para mais uma rodada de tratamento de choque.

— Quem é você? — perguntou Kim torcendo o nariz para a cueca urinada do doutor. A urina havia escorrido da cama para o chão, mas ele ainda não havia defecado. — Quer ir ao banheiro?

Martin consentiu. Kim pegou uma argola de pescoço conectada a uma corrente de cinco metros que terminava em um anel preso na parede. Colocou a argola no pescoço do doutor e trancou com um cadeado antes de soltar as correias de couro. Rudbeck se sentou com um gemido e Ribbing apontou para uma porta na parede.

— Tem um banheiro ali. A corrente chega lá.

Kim apontou para a argola no pescoço do doutor e disse:

— Apenas como informação. Acho que você não tem chance contra mim, mas digamos que invente de pegar a tampa da caixa de água do vaso e me ataque com ela, e digamos que tenha sucesso — Kim fez um gesto amplo. — Este quarto tem isolamento acústico. Não vai conseguir soltar a corrente e a chave não tá comigo. Você morreria aqui.

— Vou morrer de qualquer jeito.

— Não. Pretendo soltá-lo. Aos poucos. Há alguns detalhes sobre isso, mas chegaremos lá aos poucos. Agora vai.

Rudbeck colocou os pés no chão e as pernas mal conseguiam sustentá-lo. Quando virou de costas indo para o banheiro, Ribbing viu uma mancha marrom no lado traseiro de sua cueca.

— Água... — murmurou o doutor ao abrir a porta.

— Tem uma pia — disse Kim. — Beba lá. Ou no vaso, se preferir.

Kim deixou o doutor fazendo suas necessidades e foi até sua residência. Quando voltou, Rudbeck estava sentado, curvado no chão, no meio do caminho entre o banheiro e a cama. Tinha as mãos na frente do rosto e seu longo cabelo grisalho no *estilo médico* caía entre os dedos.

— Aqui — disse Kim e jogou uma de suas cuecas velhas para o doutor, — se quiser trocar.

O doutor virou as costas para Kim e tirou a cueca suja. Kim virou o rosto quando viu seu traseiro flácido e pálido, com pelos brancos. Felizmente, não mantinha o doutor preso por motivos estéticos, e sim éticos.

— Agora ficou bem — disse Kim depois que o doutor trocou de roupa. A cueca preta apertava ao redor do seu umbigo dando um ar de turista embriagado. — Deita na cama de novo.

— E se eu não quiser?

Ribbing apontou para uma mesa no canto mais distante do quarto, fora do alcance da corrente. Na mesa havia uma bandeja com bisturis, alicates e serras cirúrgicas.

— Encontrei isso em um depósito. Deus sabe o que faziam com isso aqui embaixo. Tenho uma pistola elétrica também, de Shanghai. E um *maçarico de solda*, se estiver com vontade para isso.

— E usaria isso contra mim?

Kim levantou as sobrancelhas.

— Naturalmente. Não teria nenhum prazer com isso, mas faria.

— Você é louco. E digo isso do ponto de vista clínico.

— Sim. Você costuma afirmar isso.

O doutor olhou para Kim desafiadoramente e ele olhou de volta calmamente até que Martin Rudbeck desviou o olhar, suspirou e se deitou na cama. Ribbing prendeu as correias antes de tirar uma chave do bolso e soltar o cadeado da argola do pescoço que caiu no chão com um ruído.

— Acho que você disse que não tinha a chave — disse o doutor.

— Eu menti. Mas de agora em diante não a terei — Kim foi até a mesa e pendurou a chave em um gancho na parede. Mediu a distância entre a cama e a mesa e disse: — O que pode ser? Faltam três metros, se esticar a corrente. Bastante frustrante pra você se ficar sozinho aqui.

O olhar do doutor estava fixo na bandeja com os instrumentos.

— Pretende me torturar?

— Depende.

— Depende de quê?

— De quanto você quer entender.

— E quando eu... entender? Você pretende me soltar?

— Exatamente. Mas existem condições.

Kim foi até o banco, pegou e abriu um computador. Clicou duas vezes em um arquivo de vídeo e mostrou a tela para Rudbeck, que arregalou os olhos.

— Mas... que diabos... isso é... minha sala? Como você...?

— Assumi o controle da câmera da sua TV, porque fantasticamente não consegui entrar no seu computador, que tipo de firewall você tem?

— Adivinha.

— Talvez o TokenSofi. Coisas militares. Não faz diferença. Agora tenho o computador.

— Também tá protegido.

Kim sorriu.

— Dou conta de desbloquear, fica tranquilo. Deve ter muita coisa boa aí, mas por enquanto temos isto — disse Kim e apontou para a tela. — Do dia três de julho.

As pupilas de Martin Rudbeck foram para a esquerda enquanto tentava lembrar do que fizera cinco dias antes. Franziu os lábios e Kim acenou.

— Lembrou, não é?

Ribbing apertou a tecla e na tela apareceu Rudbeck entrando na sala e se sentando no sofá com o computador aberto nas mãos. Kim avançou um minuto enquanto o doutor digitou alguma coisa, e voltou para a exibição normal quando Martin equilibrou o computador na mão direita, como um garçom com a bandeja, enquanto começava a massagear a virilha com a mão esquerda. Uma contração passou pelo seu corpo e seus lábios sorriram antes de relaxar e continuar massageando.

Na cama, o doutor estreitou os olhos e disse:

— Claro que é muito embaraçoso, mas como motivo devo dizer que é fraco.

— Sim — começou Kim. — Se tivesse apenas isso não poderia soltá-lo. Talvez nem o teria trazido pra cá. Mas existe um programa, Ali Abbas, desenvolvido pela polícia de Estocolmo que... emprestei. Coisa boa. Chama-se *Clean Sweep* e pesquisa redes para vídeos de abuso armazenados e transmitidos ao vivo, e adivinha?

Quando Kim olhou para os olhos de Martin Rudbeck, ele imediatamente desviou o olhar e seus lábios começaram a tremer.

— Ok — disse Kim. — Pode adivinhar. Mas vamos assistir um pouco? Aqui temos um vídeo transmitido exatamente quando você tava sentado no sofá se divertindo sozinho.

Kim clicou em outro arquivo de vídeo. Ouviu-se uma criança gritando e chorando. Ribbing silenciou o som e olhou para a parede. Havia visto o vídeo e não queria vê-lo novamente. Era sobre uma criança asiática de uns dez anos, dois homens adultos, diferentes tipos de chicotes e um “consolo” super dimensionado. Era uma das piores coisas que Kim já vira na vida, e havia visto muito durante o trabalho de documentar uma rede de pedofilia alguns meses antes.

O doutor também não parecia encontrar nenhum prazer no vídeo nas circunstâncias atuais e olhou para o teto dizendo:

— Não entendo o que quer provar com isso.

— Imaginei que diria algo assim, por isso fiz uma versão em *tela dividida*. Kim tossiu e passou a mão pelos olhos.

— Tive que assistir bastante pra conseguir sincronizar e isso... não foi agradável.

Kim clicou em um terceiro arquivo de vídeo com a parte superior da tela mostrando o vídeo de violência e a parte inferior mostrando Martin Rudbeck no sofá. O doutor continuou olhando para o teto e Kim disse, com a voz embargada de raiva:

— Olha, senão arranco seus olhos. Tô falando sério. Grampos ardentes nas pálpebras, você quer?

Rudbeck olhou para a tela que mostrava claramente que suas reações de prazer coincidiam com os “pontos altos” da tortura sexual da garota. Martin engoliu em seco e sua voz estava trêmula ao dizer:

— Isso não prova nada.

— Acho que prova — disse Kim e parou o vídeo. — Os arquivos têm a marca d’água da hora...

— Isso pode ser manipulado — disse o doutor. — Você deve trabalhar com isso.

— Absolutamente. Mas você e eu sabemos que não foi manipulado. E mal consigo pensar no que vou encontrar quando desbloquear seu computador.

— Encontrará coisas que preciso pra minha pesquisa.

Kim olhou longamente para o doutor.

— Não entendo como conseguiu enganar o tribunal de apelação pra explicar a tortura aplicada a mim e aos outros, mas isso será mais difícil de explicar.

Ribbing avançou alguns minutos enquanto os movimentos frenéticos do doutor na própria virilha o faziam parecer um boneco com desejo sexual distorcido. Kim voltou para a exibição normal quando Martin se endireitou no sofá e colocou o computador de lado de modo que a tela ficou visível. Kim congelou a cena e apontou.

— Olha. Lá está ela. Tá vendo a garota? O sangue? Quer ouvir como ela grita quando eles...

— Chega — pediu Martin Rudbeck. — Já chega.

Kim fechou o computador e disse:

— Obviamente não foi suficiente pra você. Fez apenas uma pequena pausa. Depois continuou assistindo mais oito minutos e vinte segundos, até a menina ficar totalmente destroçada. Não tenho palavras pra descrever uma pessoa como você.

— É meu trabalho — disse o doutor que começava a suar. — Eu preciso ver pra...

— Pra *entender* — terminou Kim. — Sim, já ouvi isso. E de que forma ficar sentado vendo uma criança sendo torturada o ajuda a entender?

— Eu... eu...

— Para — mandou Ribbing. — Só para. Você sabe que tá nas minhas mãos. Depois que deixar você ir embora... se chegar perto de jovens de novo, vou divulgar esse vídeo. E se alguma coisa acontecer comigo, tenho um amigo pra fazer isso. Entendeu?

— Você deve...

— Fica quieto agora. Entendeu?

Martin respirou algumas vezes antes de acenar com a cabeça.

— Sim. Entendi.

— Bom. Então podemos começar.